

O Impacto da Avaliação na Universidade

José Goldemberg

DOCUMENTO
DE TRABALHO
2 / 90

Universidade de São Paulo

NUPES

Núcleo de Pesquisas
sobre Ensino Superior

Universidade de São Paulo

O IMPACTO DA AVALIAÇÃO NA UNIVERSIDADE

José Goldemberg

Trabalho preparado para o seminário organizado pelo Núcleo de Pesquisa sobre o Ensino Superior da Universidade de São Paulo sobre “A Avaliação do Ensino Superior: Contexto, Experiências, Desdobramentos e Perspectivas”. Com o patrocínio da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e da Organização dos Estados Americanos, São Paulo, 23 e 24 de novembro de 1989.

O IMPACTO DA AVALIAÇÃO NA UNIVERSIDADE

Prof. José Goldemberg

Reitor da Universidade de São Paulo

A avaliação das atividades universitárias vem sendo defendida no Brasil como um instrumento necessário para promover a melhoria do ensino e o desenvolvimento da produção científica nas universidades. Vem sendo também apresentada como exigência de uma sociedade democrática, na qual as instituições públicas precisam prestar contas à sociedade do uso que fazem dos recursos que recebem e do seu desempenho no cumprimento das funções para as quais foram criadas.

A polêmica que se estabeleceu em torno da avaliação foi considerável e, em todos os lugares nos quais se tentou introduzi-la, gerou fortes resistências. Entretanto, ela foi se implantando através de experiências diversas e já podemos começar a analisar o resultado que produziu.

No conjunto dessas experiências, a da Universidade de São Paulo foi uma das mais amplas e das mais polêmicas. Convém por isso examinar o que foi feito e os resultados alcançados.

Avaliação de docentes é feita rotineiramente na Universidade de São Paulo através de vários mecanismos:

- de modo geral, a primeira contratação de um docente em um dado Departamento na categoria inicial da carreira (MSL) é feita através de algum tipo de concurso que pode envolver até a ministração de uma aula aos demais membros do Departamento, além do “curriculum” e entrevistas.

- a partir desta posição, a renovação de contratos pelos Departamentos durante os 6 primeiros anos de atividade não é automática e depende da obtenção de mestrado e até de doutorado.

- durante estes 6 anos a CERT (Comissão Especial de Regimes de Trabalho) analisa o pedido dos Departamentos para enquadramentos nos diferentes regimes de trabalho com os critérios gerais estabelecidos para toda a Universidade.

Após se tornarem estáveis, os docentes são avaliados nos concursos para efetivação ou na promoção a Livre-Docente (Professor Associado), em que não há competição, e nos concursos para Professor Titular, em que pode haver mais de um candidato por vaga, dando origem a uma competição que pode ser acirrada.

Esses mecanismos estão em operação há muitos anos e são os responsáveis pelo nível elevado da maioria dos Departamentos da USP, que são 196.

Efetivamente, a USP sempre gozou de um grande prestígio no panorama geral das universidades brasileiras e sempre se distinguiu pela sua elevada produção científica.

Quando assumi a Reitoria, tinha entretanto a impressão de que a Universidade estava estagnada e enfrentava uma séria crise de desenvolvimento. Tinha a impressão de que havia Departamentos com muitos professores acomodados em suas posições permanentes, o que acarretava um fraco desempenho. Além disso, estes Departamentos possuíam critérios extremamente lenientes para aprovação em concursos e/ou promoção, o que os tornava prisioneiros de um círculo vicioso difícil de quebrar, e que os impedia de melhorar. Mesmo os Departamentos mais conceituados pareciam encontrar poucos estímulos para desenvolver seus trabalhos.

Estas observações decorriam da minha experiência na Universidade e eram partilhadas por muitos colegas. Mas não havia dados capazes de confirmar ou negar essa avaliação. Por essa razão, logo que me tornei Reitor, tratei de melhorar o nível de informação disponível, a fim de tornar menos subjetivos meus julgamentos.

Tentei inicialmente promover a avaliação institucional dos Departamentos através de dois métodos: o uso de avaliadores externos e a auto-avaliação. Ambos encontraram sérias dificuldades. O consultor contratado para iniciar este trabalho – um profissional de boa reputação do CNPq – foi recebido com hospitalidade, mesmo nos Departamentos que se ofereceram com voluntários para seu trabalho, e alguns outros decidiram que a auto-avaliação era o único método aceitável. Este trabalho foi feito sob a égide da Câmara de Pesquisa do

antigo Conselho Universitário, e deu poucas informações úteis; em um ano de trabalho, apenas 6 Departamentos foram analisados.

Julguei, então, que o melhor caminho seria o de reunir informações quantitativas confiáveis sobre a atividade dos Departamentos e Unidades, colhendo dados sobre a produção dos seus docentes, classificadas de acordo com as categorias listadas na Tabela I e divididas em trabalhos nacionais e internacionais. Não se trata, nesse caso, de avaliar cada docente individualmente. O que se precisava, na Reitoria, era de informações e indicadores do desempenho institucional – tanto da USP, como um todo, como das suas Unidades e Departamentos. Mas isso requeria, obviamente, dados relativos à produção de cada professor e pesquisador.

Tabela I
Categorias de trabalhos dos docentes da USP
(nacionais e internacionais)

-
- Artigos de periódicos
 - Artigos de jornais
 - Livros (e capítulos de livros)
 - Patentes
 - Produção artística e/ou materiais audiovisuais
 - Relatórios técnicos
 - Resenhas (em periódicos ou jornal)
 - Traduções (artigos de periódicos, capítulos de livro, livro)
 - Trabalhos apresentados em congressos e publicados nos anais
 - Trabalhos apresentados em congressos
-

Pode-se argumentar que a coleta de informações das atividades documentadas nas categorias da Tabela I não faz justiça plena a certas atividades realizadas pelos docentes. Seria, portanto, uma simplificação quantitativa de atividades que, por sua natureza, são qualitativas e, portanto, não passíveis de quantificação. Pode haver docentes com muitos trabalhos realizados nas categorias da Tabela I, sem que eles tenham grande valor. Embora isso seja verdade, quando se consideram os docentes individualmente numa avaliação institucional, onde são as médias que contam, dados desse tipo são bastante confiáveis. Há ainda áreas em que se publica muito, como medicina e agricultura, e outras, como matemática

e humanidades, em que é mais difícil publicar, mesmo porque os trabalhos têm um longo periódico de maturação.

Por isso tudo, julgamos que valeria a pena um esforço determinado de obter as informações pertinentes como um subsídio importante para uma avaliação global da Universidade. Julgamos mais que, se os dados deste tipo fossem coletados durante vários anos, dariam uma idéia evolução das atividades da Universidade e sinalizaram aos 5 mil docentes da USP que a Universidade valorizava seu trabalho e que sua inclusão no Anuário de publicações – como nas universidades americanas – era uma forma de reconhecimento.

Era evidente, desde o início, que uma análise do desempenho da Universidade só poderia ser feita após vários anos de coleta de dados. O processo foi atropelado pela publicação de uma “lista de improdutivos” definidos como “docente sem publicações” nos anos de 1985 e 1986 por um matutino de São Paulo no início de 1988. Isto ocorreu quando o processo de coleta de informações estava ainda muito incipiente. A publicação precipitada de dados de um periódico curto de tempo de uma lista individualizada deu origem a inúmeras reclamações e a uma indignação justificada que, acredito eu, foi superada quando o processo de coleta de dados foi aperfeiçoado.

A verdade, entretanto, é que apesar desses tropeços estabeleceu-se, com prévia, uma nova mentalidade que implicava valorizar a produção científica e desenvolver um esforço coletivo, em cada Departamento, para melhorar seu desempenho. Isso se refletiu inclusive numa nova atitude quanto à avaliação individual, pois o novo Estatuto da USP determinou que todos os docentes, mesmo os efetivos e inclusive os titulares, fossem avaliados sistematicamente a cada 5 anos.

Hoje dispomos de informações referentes ao quadriênio 1985–1988, sendo possível fazer uma análise preliminar dos dados, e tirar algumas conclusões.

A Figura 1 mostra a evolução dos artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Estes têm sempre “referentes”, o que não ocorre usualmente com publicações em revistas nacionais. No que se refere a revistas publicadas pela USP, nestes últimos anos, quase todas elas passaram a ter “referentes”.

Figura 1

O número de publicações internacionais se revelava estável, mas havia um nítido declínio nas publicações nacionais até 1987, o que confirmava minha impressão anterior de que a Universidade se encontrava estagnada ou em declínio, quando eu assumira a Reitoria. Eu esperava, entretanto, que os novos recursos que haviam sido obtidos, que a valorização da produção científica pela Reitoria e o próprio processo de avaliação fossem capazes de inverter rapidamente essa tendência.

Sucedeu que a publicação de trabalhos é um processo lento que, em geral, leva de 1 a 2 anos. A Figura 2 mostra a evolução dos resumos apresentados em congressos, indicando um claro aumento neste tipo de atividade.

Figura 2

Na figura 3 foram agregados artigos de periódicos, livros e trabalhos apresentados em eventos (publicados integralmente) mostrando novamente a evolução positiva.

Figura 3

Não foram incluídos neste figura os trabalhos apenas apresentados em Congressos, sem a documentação correspondente.

Na Figura 4 temos a evolução dos livros e capítulos de livros publicados, de novo com resultados positivos.

Figura 4

Finalmente, na Figura 5, temos a surpreendente evolução das publicações em artigos de jornais, que aumentaram de 200, em 1985, para quase 1.200 em 1988. O que isso mostra é a maior presença dos professores da USP na imprensa e seu envolvimento nos grandes problemas nacionais, o que significa uma quebra do tradicional isolamento da USP.

Figura 5

A Figura 6 mostra a produção total da Universidade em todas as categorias da Tabela I, e a Figura 7 a produção por docente para toda as Unidades da USP.

Figura 6

Figura 7

Com o concurso do Banco de Dados do SIBI (Sistema Integrado de Bibliotecas) pode-se perguntar qual o percentual dos docentes que publicaram algum tipo de trabalho (entre os listados na Tabela I) no período de 1985 e 1989.

A Tabela II mostra estes percentuais para as unidades de ensino e pesquisa para os docentes em RDIDP e para o conjunto dos docentes em RDIDP e RTC.

Tabela II

O que observa nesta Tabela é que cerca de 92.5% dos docentes de RDIDP têm publicações neste período e que este índice é superior a 90% na maioria das Unidades da USP. Mesmo a inclusão dos docentes de RTC não muda muito estes números.

Acredito que este é um excelente desempenho que, por um lado, deve constituir motivo de orgulho de muitas Unidades; por outro, indica as áreas onde há problemas que devem ser analisados e discutidos para nortear as ações necessárias para corrigí-los.

A Tabela III dá os dados retirados do Banco de Dados do SIBI, com os quais construídas as Figuras 1 e 7.

Tabela III

Precisamos agora perguntar o que significa e qual o resultado dessa experiência.

Estou convencido de que dados como esses, que constituem a preliminar necessária de um processo mais amplo, complexo e completo de avaliação institucional, são absolutamente essenciais de diversos pontos de vista.

Em primeiro lugar, é impossível administrar uma universidade do porte da USP com um mínimo de eficiência e dirigí-la com um mínimo de justiça, alocando recursos de forma responsável, se não se contar com informações objetivas como essas. Sem elas, a ação do Reitor se torna necessariamente personalista porque impressionista e subjetiva.

Em segundo lugar, dados desse tipo permitem, não apenas ao Reitor, mas aos diretores, aos chefes de Departamento e aos docentes em geral, uma visão abrangente da universidade, que vai além das particularidades da sua Unidade. Eles são, por isso, essenciais à unificação da instituição e à superação do corporativismo das Unidades que pensam apenas em termos de suas necessidades e não da Universidade em seu conjunto.

Finalmente, indicadores gerais de desempenho constituem um elemento essencial para promover a transparência que se exige de uma gestão democrática. Dá, a cada um, a oportunidade de saber o que está acontecendo no conjunto da Universidade.

Para que essas duas últimas vantagens ocorram, é preciso que todas essas informações sejam tornadas públicas. Para que o sejam, na minha experiência, não basta publicá-las. Para divulgá-las e necessário usá-las. Na USP, na medida em que comecei a utilizar as informações para justificar propostas, críticas e decisões, todos passaram a usá-las também para legitimar pedidos e reivindicações. Foi esse processo que, na minha opinião, implantou uma nova prática e um novo espírito na Universidade. Todos passaram a se empenhar em apresentar bons relatórios e a orgulhar-se de poder fazê-lo. Verificam que o relatório da produção científica não era apenas uma cobrança, mas também um reconhecimento do esforço feito e dos resultados alcançados.

Dessa forma, não se fez uma avaliação da USP, nem se poderia fazê-lo. Mas implantou-se um processo de avaliações múltiplas e permanentes que vão ajudar a Universidade a crescer*.

* Agradeço ao SIBI pela colaboração prestado à preparação deste Relatório.

Tabela II
Percentual de Docentes com Trabalhos Publicados nas Categorias da Tabela I
(1985- 1989)

Unidades de Ensino e Pesquisa	Docentes em RDIDP	Docentes em RDIDP e RTC	Todos os Docentes RDIDP + RTC + RT
ECA	79,1	75,3	69,1
EEF	94,4	85,3	81,1
EE	100,0	100,0	100,0
EERP	98,4	96,8	96,8
EESC	84,1	80,5	78,5
EP	92,6	91,6	76,3
ESALQ	98,6	98,6	98,6
FAU	90,7	87,9	80,9
FCF	100,0	98,9	85,9
FCFRP	93,,3	93,4	91,1
FD	88,2	86,4	76,0
FEA	94,3	82,0	75,9
FE	97,4	95,7	93,8
FFCLRP	97,9	97,9	96,9
FFLCH	90,1	89,4	88,2
FM	96,4	98,0	97,8
FMRP	98,2	97,1	97,1
FMVZ	91,6	91,8	91,9
FO	96,0	88,2	86,2
FOB	93,7	92,9	92,9
FORP	83,3	78,8	76,2
FSP	88,2	86,0	83,1
IAG	100,0	100,0	100,0
IB	97,7	97,7	97,8
ICB	95,8	95,2	84,7
ICMSC	78,7	78,7	79,2
IF	97,9	97,3	96,1
IFQSC	96,1	96,1	96,1
IGC	91,4	92,1	92,1
IME	70,4	70,2	68,7
IP	96,6	96,2	90,8
IQ	96,0	94,3	93,4
IO	97,3	97,3	97,3
Total USP	92,5	90,9	87,6

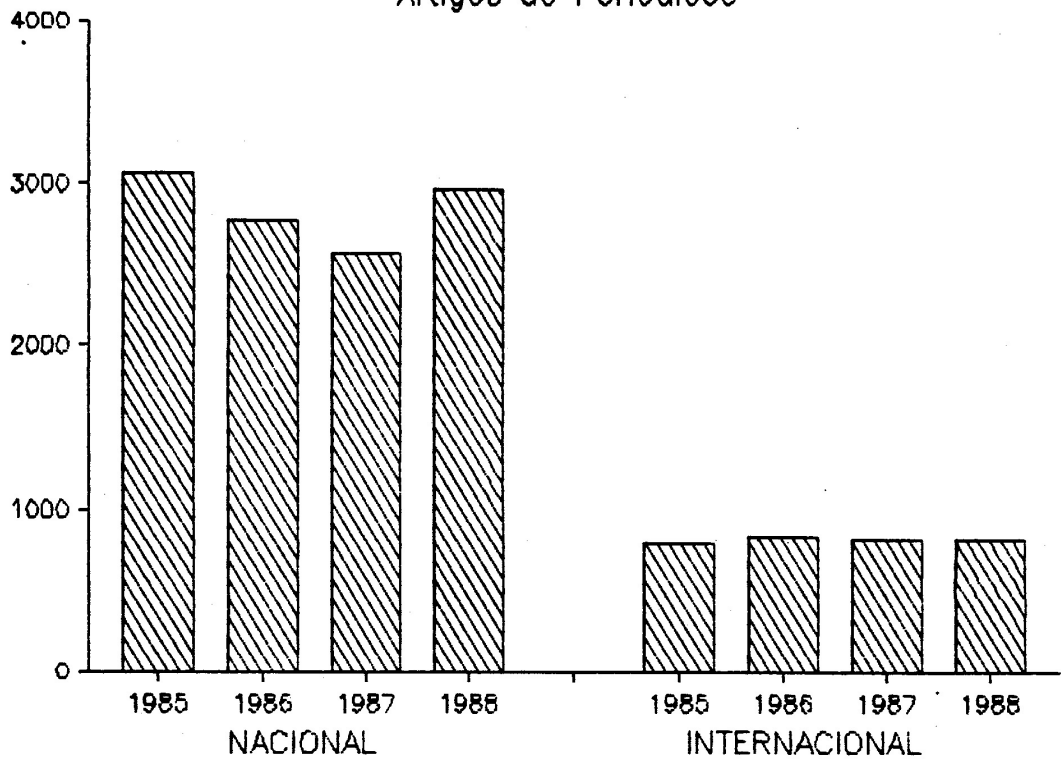
Tabela III
Evolução da produção científica do corpo docente (1995/1988)

Tipo de publicação	1985			1986			1987			1988		
	Nacional	Intern.	Total	Nacional	Intern.	Total	Nacional	Intern.	Total	Nacional	Intern.	Total
Artigos de periódicos	3,056	792	3,848	2,759	836	3,595	2,580	828	3,408	2,987	824	3,811
Artigos de jornais	242	3	245	511	6	517	827	2	829	1,127	6	1,133
Livros (livros e capítulos de livros)	1,152	151	1,303	1,101	124	1,225	1,192	160	1,352	1,418	148	1,566
Patentes	6	3	9	3	3	6	5	0	5	6	0	6
Produção artística e / ou materiais audiovisuais	-	-	-	39	4	43	53	6	59	57	1	58
Relatório técnico	-	-	-	162	8	170	256	4	260	258	11	269
Resenhas (em periódicos ou jornal)	-	-	-	184	9	193	256	6	262	258	0	258
Traduções (art.de periódico, capit. De livro, livro)	34	2	36	61	5	66	33	0	33	64	0	64
Trabalhos apresentados em congresso e publicados	2,100	210	2,310	3,662	449	4,111	3,819	410	4,229	4,590	550	5,140
Trabalhos apresentados em congresso	0	0	0	1,230	215	1,445	1,836	403	2,239	1,048	215	1,263
Total USP	6,590	1,161	7,751	9,712	1,659	11,371	10,857	1,819	12,676	11,813	1,755	13,568

Fonte: SIBI

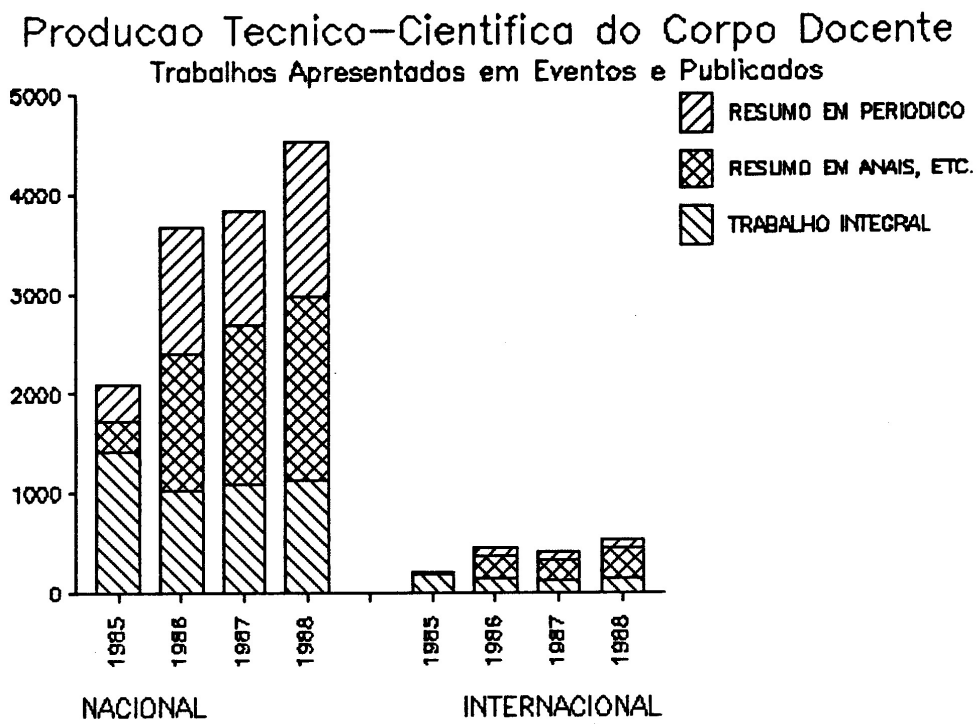
FIGURA 1

Producao Tecnico-Cientifica do Corpo Docente
Artigos de Periodicos



Fonte: Banco de Dados Bibliográficos USP (25/09/89)

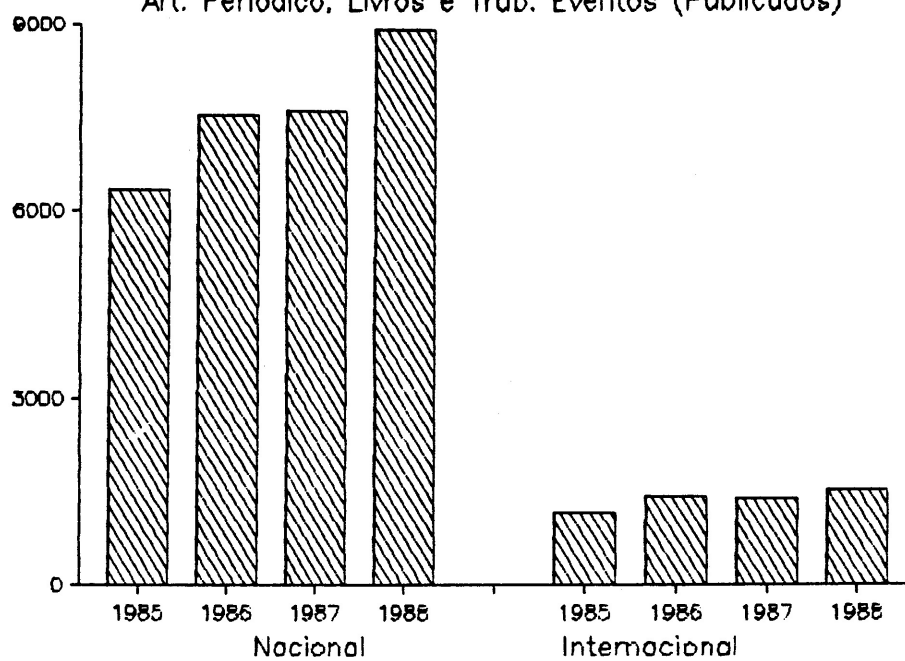
FIGURA 2



Fonte: Banco de Dados Bibliográficos USP (25/09/89)

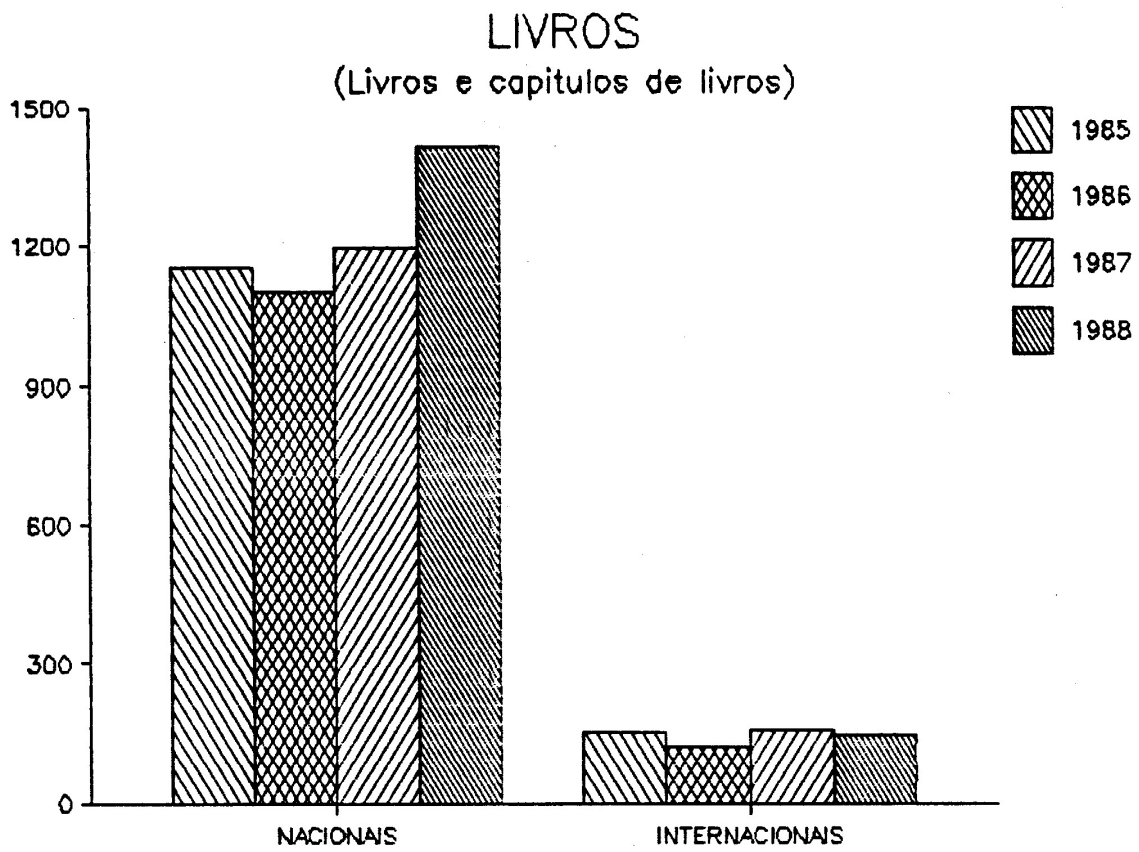
FIGURA 3

Producao Tecnico-Cientifica do Corpo Docente
Art. Periodico, Livros e Trab. Eventos (Publicados)



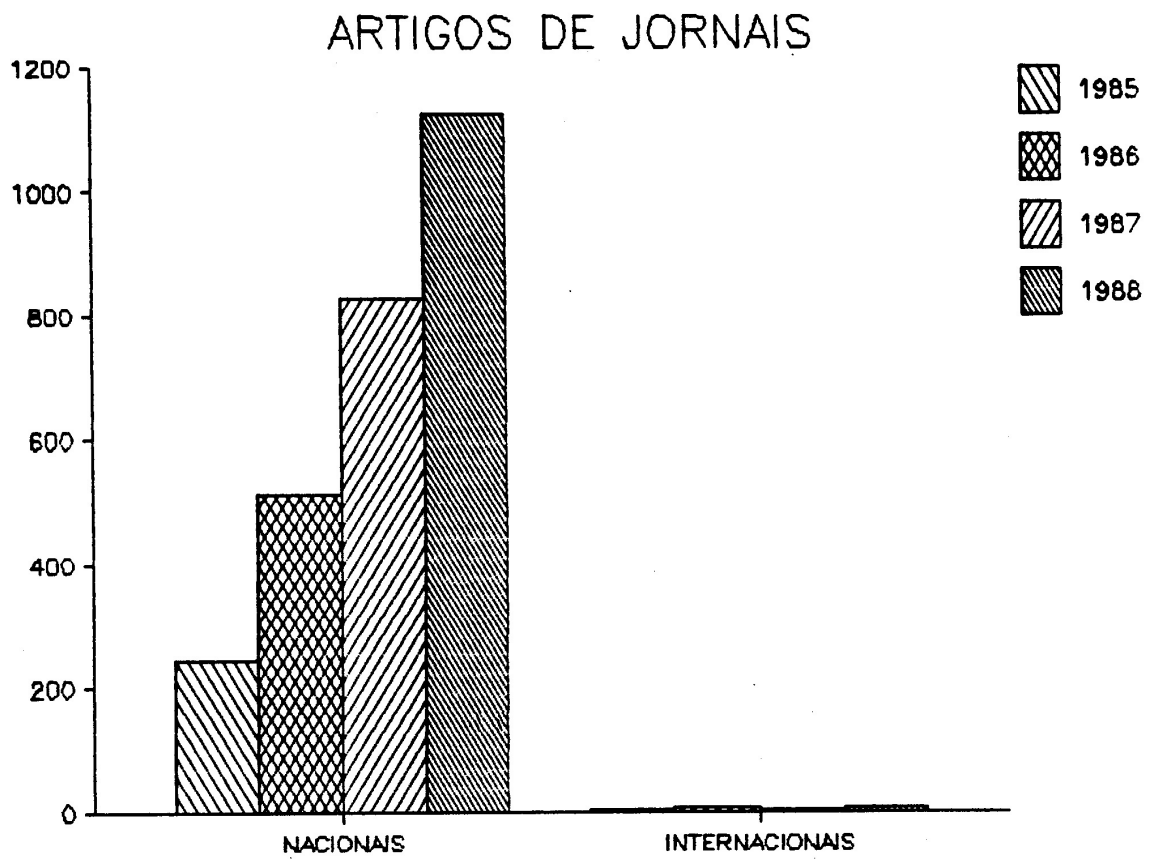
Fonte: Banco de Dados Bibliograficos USP (25/09/89)

FIGURA 4



Fonte: Banco de Dados Bibliográficos USP (25/09/89)

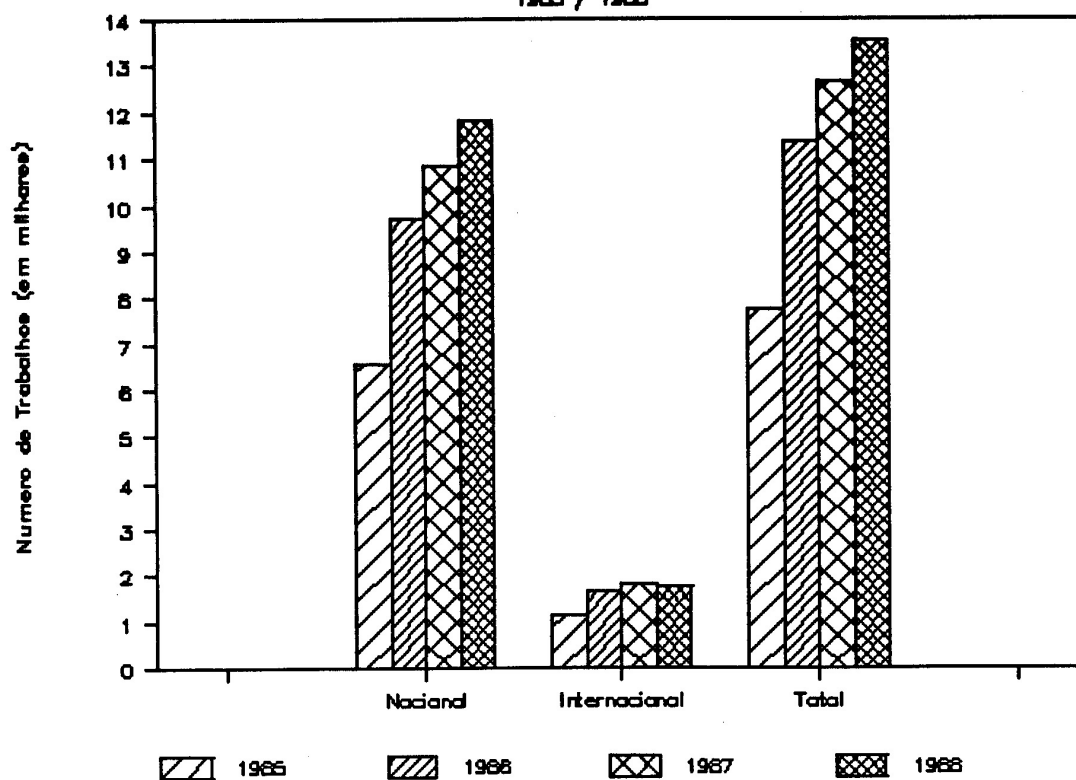
FIGURA 5



Fonte: Banco de Dados Bibliográficos USP (25/09/89)

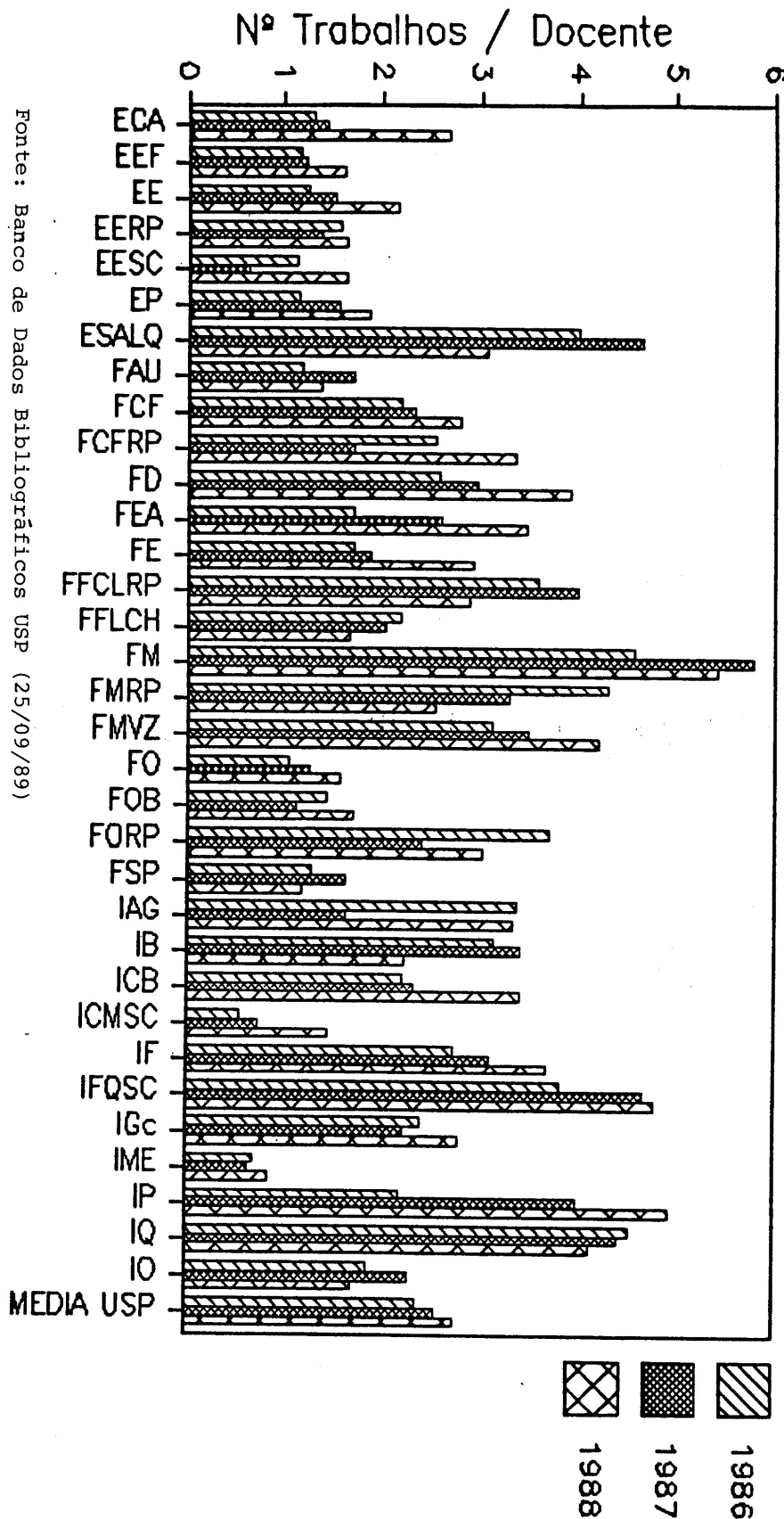
FIGURA 6

EVOLUCAO DA PRODUÇÃO TECNICO-CIENTIFICO 1966 / 1968



Fonte: Banco de Dados Bibliográficos USP (25/09/89)

PRODUCAO TECNICO-CIENTIFICA UNIDADES DE ENSINO E PESQUISA



Fonte: Banco de Dados Bibliográficos USP (25/09/89)

FIGURA 7